INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS: RELAÇÕES ÉTICAS NO CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA

Ana Beatriz Ferreira Queiroz[1], Jeanne Barros Leal Pontes Medeiros[2]

Resumo: A interação entre docentes e discentes é um pilar de grande importância para a formação de um licenciado. Nesse contexto, o estágio supervisionado no Ensino Fundamental foi realizado em uma escola municipal de Fortaleza, Ceará, em turmas do sexto e oitavo ano, sob a supervisão de uma professora de Ciências. Desafios que agravam o desgaste dessas relações, como a falta de infraestrutura, o uso predominante de metodologias tradicionais e as dificuldades de comunicação entre professores e alunos, especialmente com aqueles considerados indisciplinados, são constantes. Questões éticas emergiram, entre comentários depreciativos na sala dos professores e abordagens punitivas em sala de aula. Os resultados apontam para a necessidade de maior empatia, adaptação metodológica e reflexão sobre a ética profissional docente.

Palavras-chave: Prática Docente. Estágio Supervisionado. Ensino de Ciências.

1. INTRODUÇÃO

Para a formação de professores, a ética se estabelece como o pilar mais importante para a atuação desses profissionais, a fim de habilitar e capacitar estes que irão contribuir com a construção de um ambiente escolar ideal. Segundo Schiavon *et al*. (2024), a ética se consagra como o ramo da filosofia que estuda a moralidade, os princípios e valores que guiam o comportamento dos seres humanos em sociedade. Na escola, a ética é atribuída, também, à formação de pessoas cidadãs com responsabilidades sociais eminentes.

Os docentes são responsáveis por transmitir valores morais e éticos, não somente pelo conteúdo previsto em seu diploma, mas também por protagonizar dilemas que servem de modelo para o caráter de seus alunos. Ao atuar como exemplo de comportamento ético, os professores estreitam as suas relações com os alunos, enquanto os discentes se reconhecem no caráter dessa atuação profissional. Dessa forma, Libâneo (2021) afirma que estas relações, quando bem estabelecidas, são marcadas pela

[1] Graduando do Curso de Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Ceará, e-mail: beatriz.queiroz@aluno.uece.br
[2] Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde/Curso de Ciências Biológicas, e-mail: jeanne.ponte@uece.br .

confiança, respeito e comunicação livre, tornando explícita a melhora no desempenho e motivação dos estudantes.

Se tratando do ensino de Ciências, no contexto da formação ética, é essencial que o professor elabore suas práticas e o conteúdo de forma contextualizada, a fim de permitir que os alunos sejam capacitados a lidar com as informações, compreendê-las, elaborá-las, refutá-las, quando for o caso para compreender o mundo e nele agir com autonomia (Brasil, 1998). Acima disso, baseado na realidade desses alunos, ainda que entre em conflito com suas próprias crenças éticas.

Contudo, as interações entre professores e alunos nem sempre são estabelecidas conforme o que se considera ideal em teoria, já que uma série de fatores moldam as configurações dessas estruturas sociais. Dentre eles, como já afirmado, os princípios e valores do profissional docente, assim como as escolhas perpetuadas dentro do ambiente escolar baseadas nesses elementos. Nesse sentido, o presente trabalho visa explorar a ética na educação profissional e as relações entre professores e alunos que se estabelecem em uma escola municipal de Fortaleza, Ceará.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Histórico da Escola

As experiências aqui relatadas, ocorreram em uma escola municipal de Ensino Fundamental no bairro Parque Dois Irmãos, em turmas sexto e oitavo ano, monitoradas por uma professora graduada em Ciências Biológicas, que leciona regularmente a disciplina de Ciências na escola. A princípio, no primeiro contato com a instituição, foi percebida a recente ocupação do cargo de diretor escolar, por um professor que já havia lecionado nesta escola.

A comunicação com a professora foi mais dificultosa, já que das quatro vezes em que foi preciso ir à escola fazer o reconhecimento do local, em apenas um desses dias a professora estava presente, mesmo que constasse horas de aula e planejamento dela em todos os dias da semana. A relação entre esse acontecimento e a nova diretoria, foi representada pela falta de informação de ambas as partes, causando desencontros quase todos os dias entre mim (estagiária) e a docente. Visto isso, quando finalmente foi possível o encontro, a professora não estava ciente sobre nenhuma das minhas visitas, mas aceitou de bom grado recepcionar o estágio supervisionado.

A escola localiza-se próxima a uma comunidade periférica, espaço habitado em sua maioria por afrodescendentes, a qual detém de próprias práticas culturais que marcam o território (Junior; Jesus, 2018). Os alunos dessa escola, principalmente habitantes dessa comunidade, ocupam as salas de aula com uma perspectiva de vida já atrelada a sua realidade, e levam em suas falas e em seus atos os impactos provenientes do seu cotidiano. Em contrapartida, a professora compartilha de uma realidade distante, uma profissional que veio da região sul do país, graduada a mais de 20 anos, se esforça como pode para aplicar os seus conhecimentos e princípios nos espaços escolares tão complexos e heterogêneos.

Por conta das divergências, foi possível visualizar as tentativas da professora de tornar o processo de ensino aprendizagem mais significativo, recebendo positivamente dúvidas e comentários dos alunos acerca do conteúdo, principalmente aqueles que se referiam a transposição didática, conectando o cotidiano deles aos fatos científicos. Todavia, em situações pontuais, as quais chamaram a atenção para os alunos

“indisciplinados”, a relação profissional docente e aluno encontra desafios e sofre abalos, despertando reflexões também acerca da questão ética da profissão.

2.2 A Prática Docente

A reflexão teve como primeiro foco analisar a prática docente da professora responsável pela turma, tendo em vista que quando se está em exercício, ela se utiliza de diversas referências, o que faz da prática docente uma ação complexa. É necessário manter o caráter crítico da reflexão, em consonância com o afirmado por Freire (2000, p.43): “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. Em concordância, no processo de desenvolvimento da formação docente a prática pedagógica docente é vital, devido aos seus benefícios e com finalidade de estabelecer relação entre teoria e prática.

Durante as 8 horas de observações da regência da professora, constata-se o uso de recursos didáticos convencionais em todas as suas aulas, tais como o quadro branco e o livro didático, que por si só são fracos concorrentes na tomada da atenção desses alunos em relação aos aparelhos celulares, por exemplo. A escola possui uma notável deficiência de infraestrutura e oferta de tecnologias, como projetores, *notebooks* ou até mesmo internet. Ainda sim, não é descartada a dificuldade dos alunos de se conectar com a disciplina de Ciências na ausência de recursos visuais do conteúdo, tais como modelos anatômicos, maquetes, ilustrações e mais.

Sob essa perspectiva, a professora tenta estreitar suas relações com os alunos e o conteúdo, aplicando uma prática no sexto ano relacionada ao assunto de “soluções puras e misturas”. Em contrapartida, poucos alunos trazem os materiais simples que foram solicitados na aula passada (algodão, óleo, água, peneira e folhas secas), e entre esses alunos, uma estudante que na aula anterior foi retirada de sala por mau comportamento. O caso dessa estudante chama atenção, por ter ocorrido no primeiro tempo do primeiro dia de observação. No momento de acolhida, no início da aula, o qual a aluna estava discutindo calorosamente com outros colegas, ela não respondeu as repreensões da professora, e por isso foi levada para a coordenação sem mais justificativas.

Após o ocorrido, a professora me confidenciou as dificuldades relacionadas àquela aluna em específico, e ficou claro os desgastes da relação professor e aluno do caso. Eu, ocupando o papel de aluna, entendo o constrangimento e o amargor de ser repreendida e retirada de sala, sem ter o direito de me explicar, e como professora, entendo que não é fácil conquistar a atenção de 30 alunos enquanto se desenrola uma confusão entre um ou dois. Optando pelo mais fácil, a professora a retira de sala, mas não parece medir o impacto de suas ações no processo de aprendizado da aluna, que por perder a aula, não está contextualizada com o conteúdo utilizado na aula prática seguinte. Nas avaliações posteriores, possivelmente ficará nítido o desfalque causado por essa situação.

A avaliação, no contexto da sala de aula, deve ser manejada com justiça e transparência, refletindo os princípios éticos que se espera que os estudantes desenvolvam, provenientes do professor. Uma avaliação considerada ética deve atender as demandas e contextos dos estudantes, de forma que evite a discriminação ou injustiça. Mota (2023) destaca a importância de práticas avaliativas que respeitem a diversidade e promovam a equidade entre os estudantes.

Figura 1 – Aplicação de Aula Prática

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Figura 2 – Materiais Utilizados

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 3 – Regência.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

2.3 Ética Dentro e Fora da Sala de Aula

Uma ação é moralmente correta, de acordo com teorias filosóficas e éticas, se têm por objetivo maximizar o bem-estar ou a felicidade do maior número de

pessoas, enfatizando a necessidade ímpar de considerar as consequências de uma ação ao julgar sua moralidade. No contexto escolar não é diferente, já que antes de tudo estamos inseridos em uma instituição social constituída por pessoas com moralidade própria, mas que por conta do caráter comunitário deve respeitar a ética acima disso, ou seja, os princípios universais que devem ser seguidos por todos os indivíduos em todas as circunstâncias.

No entanto, é possível perceber em certos momentos, como as relações professor-aluno, professor-professor e professor-instituição estão sujeitas ao desvio dessas construções éticas supracitadas. Visto isso, têm-se uma situação ocorrida em uma turma de oitavo ano, em que a professora discute com uma aluna também considerada indisciplinada, que se recusa a guardar o aparelho celular e não presta atenção na acolhida da professora. Após isso, já em um momento de descontração com outros alunos e a docente, a referida estudante faz um comentário sobre o nascimento da professora e é rebatida em seguida com a seguinte frase: "Quando sua mãe deu à luz a você (aluna), deveria ter te dado juízo e vergonha na cara também", e foi nítida a reprovação e constrangimento por parte da garota, que chateada responde que a professora que deveria ter vergonha de dizer isso.

Deparei-me assim, com esta situação delicada, que obviamente fere a dignidade de um aluno e o constrange diante da turma, uma criança já desapegada do seu processo de aprendizagem, que possivelmente sentirá aversão à professora de Ciências. E me pergunto, dessa forma: "é ético fazer comentários de cunho pessoal diante de crianças em situação escolar, ocupando o lugar de autoridade docente?". A resposta para mim é clara, já para Silveira *et al*. (2008), a confidencialidade deve ser mantida em todas as interações que incluem as individualidades dos estudantes, promovendo um ambiente de confiança mútua e respeito. Além disso, a privacidade dos estudantes deve ser respeitada em todos os momentos.

Enfim, tratando-se dos outros docentes da escola, a situação vai ainda mais longe, alcançando outras camadas de dificuldade. Na sala dos professores, existem muitos burburinhos e relatos de outros estudantes e as experiências desses profissionais em diferentes turmas, na maioria das vezes em tons pejorativos, depreciando a imagem dos indisciplinados, reforçando boatos e estereótipos relacionados ao seu comportamento. Quando a hora da aula após o intervalo foi substituída por um show de mágica para entreter os alunos, os professores se aliviaram e comemoraram naturalmente não precisar se desgastar por mais horas. Ainda sim, não se excluíram da sala os comentários antiéticos e imorais, referindo-se aos alunos como animais.

Neste caso, há uma série de camadas a serem destrinchadas por teorias de diversos campos das ciências, mas a reflexão crítica resgatada dos relatos infere que nesta escola existe um distanciamento, proposital ou não, entre a professora e seus alunos, em especial os que requerem maior atenção. Ocorrem, então, situações pedagógicas importantes e abordagem do conteúdo de modo agradável, com os instrumentos que a escola fornece precariamente. Porém, em relação à ética profissional e olhar de empatia sobre a realidade desses alunos, há também desafios que precisam ser manejados e concluídos, em prol do melhor não só para o ensino do professor e a aprendizagem do aluno, mas também para o aprendizado que o professor têm a ganhar de seus alunos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como guia a análise das situações de ética na educação profissional de professores e as relações destes com seus alunos e colegas de trabalho, em uma escola municipal de Fortaleza, Ceará. A visão crítica dos relatos evidencia que ainda há muito a se debater sobre a realidade do aluno e como isso se reflete nas suas relações dentro de sala de aula com o professor e os outros colegas. Em conclusão, a professora desta escola, inserida no contexto descrito e com alunos das turmas selecionadas, possivelmente se encontrará diante de mais conflitos éticos relacionados ao seu trabalho, que lhe cobrarão discernimento e formação moral para agir diante disso.

Contudo, a experiência do primeiro estágio supervisionado do Ensino Fundamental em uma escola pública, se mostrou enriquecedora em muitos aspectos, mas principalmente no embasamento das práticas docentes que eu, como professora, gostaria de aplicar com meus futuros alunos. é preciso refletir e pensar criticamente as ações docentes dentro do contexto escolar, por isso, cabe revisitar a teoria cabível a realidade da prática.

4. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

JUNIOR, H. C.; JESUS, T. S. Comunidade Rosalina: um Território de Maioria Afrodescendente em Fortaleza-CE. **Salvador e Suas Cores**, 2018. Recuperado de https://periodicos.ufba.br/index.php/ssc/article/view/63737

LIBÂNEO, J. C. **O essencial da didática e o trabalho de professor: em busca de novos caminhos**. 1ed. Goiânia: reserachgate, 2021. p.1-9.

MOTA, C. M. A.; SANTOS, T. B. **Compliance: tendência mundial na prevenção de riscos e combate à corrupção**, 2016. Disponível em: http: https://www.sindcontsp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/6c3ae4b2a41137e6c5e855ed1024246f.pdf

SILVEIRA, A. F. *et al*. **Cidadania e participação social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 66-76. ISBN: 978-85-99662-88-5.

SCHIAVON, L. C. A.; NASCIMENTO, L.; CAMPOS, I. C. M.; COSTA, M. G. A. Educar para a vida: a Ética como pilar da Educação Profissional. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 2, n. 24, p. 1-12e17769, dez. 2024. ISSN 2447-1801.